

## PEDAGOGIAS DA PREVENÇÃO AO HIV/AIDS: PRODUZINDO SEXUALIDADES E MASCULINIDADES NO INSTAGRAM

**Eixo Temático** Juventudes Contemporâneas Articulações com os Estudos Culturais,  
Gênero e Sexualidade

Dilan Magnus<sup>1</sup>

Carin Klein<sup>2</sup>

### RESUMO

Este artigo é um recorte de uma pesquisa de dissertação de mestrado em andamento. A partir dos campos teóricos dos Estudos Culturais e dos Estudos de Gênero e Sexualidade, selecionamos e investigamos um vídeo de *reels*, publicados na rede social Instagram, do digital influencer Lucas Raniel. Essa investigação consiste em análises das produções de sentidos atribuídos a prevenção ao HIV/Aids e demais IST's em seu perfil; assim como, as disputas travadas em torno das masculinidades de homens gays, vivendo com HIV, performadas nesse espaço virtual. Nas análises percebemos mudanças nas formas de nomear os preservativos que rompem com a lógica do masculino e feminino; bem como, uma proposta mais inclusiva na abordagem da prevenção combinada que agrega sexualidades desviantes a norma.

**Palavras-chave:** Estudos Culturais, Masculinidades, Prevenção HIV/Aids

### Introdução

O presente artigo é um recorte de uma pesquisa de dissertação de mestrado em educação, ainda em andamento e busca refletir sobre os usos da rede social Instagram para a prevenção ao HIV/Aids por seus utilizadores. Nesse sentido, através de um mapeamento inicial nas contas de criadores digitais de conteúdo encontramos alguns homens gays

---

<sup>1</sup> Licenciado em História e Mestrando em Educação, pelo PPGEDU, da ULBRA, com pesquisa financiada pela CAPES/PROSUP – email: dilan@rede.ulbra.br

<sup>2</sup> Doutora em Educação, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), docente e orientadora do PPGEDU, da ULBRA – email: carin.klein@ulbra.br



## VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional  
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação  
em Sexualidade, Gênero,  
Saúde e Sustentabilidade

cisgêneros, vivendo com HIV e selecionamos para esse ensaio, o perfil de Lucas Raniel<sup>3</sup>. Para fins desse artigo, optamos por analisar ‘reels’ - que consistem em vídeos de duração curta, entre 15 a 30 segundos, com fundo musical, legendas e imagens.

Nosso intuito é investigar as produções de sexualidades e masculinidades que ocorrem através da promoção e da prevenção ao HIV/Aids no Instagram. Para tanto, compreendemos a rede social a partir das contribuições de Rosa Fischer (2002, p. 155) ao entender o espaço midiático como um operador de processos de subjetivação. Ao sermos interpelados e educados pelas publicações e conteúdos veiculados no Instagram nossos modos de ser/estar no mundo são modificados. Nesse sentido, compreendemos essa rede social como elemento de um dispositivo pedagógico, ao qual segundo Jorge Larossa (1994, p. 58) caracteriza por “[...] qualquer lugar no qual se constitui ou se transforma a experiência de si. Qualquer lugar no qual se aprendem ou se modificam as relações que o sujeito estabelece consigo mesmo”

Desta forma, a produção do que somos ou em específico dos sentidos atribuídos e disputados pelos sujeitos que vivem com HIV pode ser negociado por meio das formas de narrar-se. Ao nos inspirarmos nessa proposta de análise, seguimos Jorge Larossa (1994, p. 55) ao pesquisarmos os *reels* do Instagram, a fim de compreendermos os influenciadores como “sujeitos falantes” ou como “sujeitos confessantes” na direção em que produzem verdades sobre si mesmos, no que se refere a gênero e sexualidade. Desta forma, o objetivo passa a ser compreender os processos de subjetivação e não de objetificação; tendo em vista que a verdade sobre si não é transcendente, mas imanente e os sujeitos contribuem de forma ativa na sua produção.

### **Gênero e Sexualidades Como Ferramenta De Análise**

Essa pesquisa se insere no campo dos Estudos Culturais em educação, aliado aos Estudos de sexualidades e masculinidades, articulando-se a autores/as pós-estruturalistas. Portanto, tomamos o Instagram, como um local da cultura e as produções de conteúdo que circulam em seu espaço, como artefatos culturais. Partindo desses pressupostos, compreendemos que o processo educativo ocorre em diversas instâncias, portanto essa rede social possui uma dimensão pedagógica. A pesquisadora Schirlei Steinberg (1997, p. 102) inaugura a compreensão das pedagogias, compreendendo-as como “[...] locais pedagógicos onde o poder se organiza e se exerce [...]”; isto é, aprendemos para além dos ambientes

---

<sup>3</sup> O reels selecionado para a análise foi postado em fevereiro de 2021, no aplicativo e hoje possui mais de 120 mil visualizações, 4558 curtidas e 114 comentários. Sua relevância se dá pelas discussões suscitadas em relação a prevenção combinada.

formais e escolares, ampliando-se para diferentes locais da cultura ensinamentos que atuam para nos tornar humanos.

Portanto, compreendemos a rede social do Instagram, como um local de produção de cultura e de educação, localizamos as produções veiculadas nesse espaço, como fotos, frases e vídeos, que se propõem a educar os sujeitos e seus corpos. Logo, o estudo volta-se o olhar para as relações de poder que são engendradas dentro da plataforma, através de seus usuários. Para tanto, seguimos o filósofo Michel Foucault (2015, p. 101) compreendendo que “[...] o poder não é uma instituição nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada”. Desse modo, o poder está em todos os lugares atravessando os corpos e produzindo saberes, bem como, conduzindo as práticas dos sujeitos.

Ao localizarmos o poder como produtivo e criador de práticas deslocamos os nossos olhares para as questões de gênero e sexualidade. A historiadora Joan Scott (1995, p. 88) argumenta que o conceito de gênero seria “[...] uma forma primária de dar significado às relações de poder [...] o gênero é um campo primário, no interior do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado”. Nesse sentido, ao compreendermos o poder como uma relação, nessa perspectiva, rompemos com os essencialismos e explicações biologizantes em relação ao gênero, assim como, a sexualidade e as masculinidades. Partimos do pressuposto construcionista de que os binarismos, masculino e feminino, são construções culturais e que muitos sujeitos não cabem nelas.

A teórica Teresa de Lauretis (1994, p. 208) assinala que gênero e sexualidade não se constituiriam como “propriedade de corpos” ou ainda como uma a priori da espécie humana. A autora realiza um importante deslocamento conceituando o gênero, assim como a sexualidade como produtos de determinadas práticas e aparatos tecnológicos de regulação e normalização dos corpos. Logo, as construções de gênero e sexualidade são perpassadas por diversos campos do saber, como o da economia, da política, o social, o cultural atuando na produção das identidades, marcadas pela diferença em corpos atravessados pela sexualidade e pelo gênero.

Essas construções de gênero fazem parte da investigação do filósofo Paul Preciado (2014, p. 16) que a partir da crítica aos essencialismos biológicos que equacionam natureza igual a heterossexualidade, percebe que esse sistema como produtor de feminilidade e masculinidade, que por sua vez atua na exclusão e divisão dos sujeitos e de seus corpos. As masculinidades, enquanto, produção de um sistema regulador que determina as atividades, funções e as formas como as relações devem acontecer aos sujeitos masculinos.

As masculinidades são concebidas como modelos culturais de gênero que formam os modos de ser e estar homem no mundo, assim como, seus afetos, pensamentos e condutas. Robert Connel (1995) ao discutir a masculinidade hegemônica evidencia que nem todos os homens se reconhecem no modelo ou norma padrão vigente, mas que ela acaba funcionando como matriz referencial e reguladora das condutas que são esperadas de um sujeito masculino.

### **Sobre o Instagram**

O aplicativo para smartphones de fotos e vídeos Instagram, foi lançado em 2010, nos Estados Unidos da América, por Mike Krieger e Kevin Systrom. Apesar de estar disponível inicialmente apenas para os utilizadores dos iPhones da Apple, obteve um sucesso gigantesco entre o público em geral, possuindo em menos de dois anos, mais de oitenta milhões de usuários. Atualmente, o aplicativo é disponível, tanto para smartphones com IOS e Android e conta com mais de 1 milhão de usuários, sendo que os brasileiros ocupam posição de destaque em números de usuários.

O perfil de Lucas Raniel no Instagram conta com mais de 61 mil seguidores e em sua descrição na bio descreve-se como uma pessoa que vive com o HIV, comunicólogo e palestrante, LGBTQIA+; além do mais é engajado na prevenção do HIV/Aids. Possui 506 publicações entre fotos, vídeos e reels sendo que para a qualificação do projeto, mapeou-se apenas os vídeos dos *reels* que contabilizam 63, ao todo. No entanto, para essa análise focamos apenas em um vídeo desses *reels*.

A realização da análise cultural segue a proposta de Maria Lúcia Wortmann (2002) ao lançar mão de diversas áreas de conhecimento para observar de que forma a cultura educa em cada sociedade. Sendo assim, a análise cultural realiza incursões e articulações em um conjunto de teorias e áreas de conhecimento, como a literatura, a filosofia, a psicologia, as artes, a comunicação, não necessariamente restringindo o/a pesquisador/a apenas a um *locus* metodológico. A autora ressalta que devemos prestar atenção para os discursos e as construções de sentidos que criam versões e visões do mundo social, conforme as posições de sujeitos ocupadas, negociadas e vividas.

### **Ensaio de Análise**

O *reels* selecionado não possui falas, algo comum nos *reels*, apenas a música do cantor Justin Timberlake, de fundo chamada 'Cry me a River'. O vídeo possui 15 segundos e logo em sua primeira imagem Lucas Raniel aponta que a prevenção das IST's, no senso

comum são compreendidas, de forma imperativa, apenas com o uso da camisinha. Na sequência, ele discute as diversas formas de prevenção, para o HIV/Aids e demais IST's na atualidade, de forma alinhada às Diretrizes Nacionais de Prevenção combinada em HIV/AIDS.

A seguir trazemos uma imagem do *influencer* que dá evidência, ao uso da camisinha como forma principal de prevenção divulgada:

Figura 1: Frame vídeo Captura de Tela



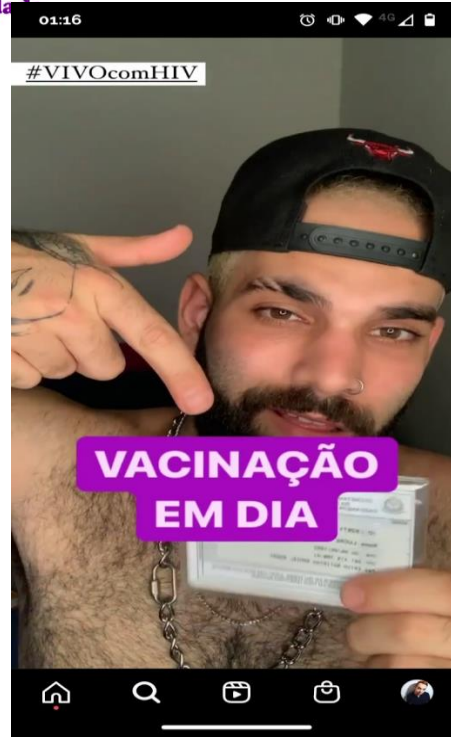
Fonte: Arquivo Pessoal (15/05/2022)

Na sequência das imagens do vídeo, Lucas realiza uma exposição de diversas formas de prevenção e autogestão da saúde sexual. Pensando a partir dos Estudos Culturais, com Stuart Hall (1997), a cultura inscreve sentidos, no caso, para a prevenção as IST's, calcada em campos discursivos que inscrevem formas de educar para a prevenção, ao mesmo tempo, em que se educa para as formas de viver a sexualidade e a masculinidade. Desta forma, no âmbito da construção das formas de educar para a prevenção, naturalizam-se (ou não) formas de pensar a masculinidade, a sexualidade e os sentidos relacionados aos corpos que vivem a soropositividade.

Vejamos agora, outros prints de tela do *Instagram*:

Figura 2:1 Frame vídeo Canal Lucas Raniel.





Fonte: Arquivo pessoal (15/05/2022)

Figura 3:2 Frame vídeo Perfil Lucas Raniel



Fonte: Arquivo Pessoal (15/05/2022)

No plano sequência das imagens, Lucas expõe pontos para a prevenção, como a testagem regular, a vacinação em dia, a realização de diagnóstico, tratamento para evitar a transmissão vertical - que ocorre de mãe para filho/a na gravidez. Para além de mostrar as

diversas formas de prevenção e diagnóstico há um formato que induz os sujeitos a autogestão da saúde e um intuito de governamento das condutas. As pesquisadoras Carin Klein; Juliana Vargas (2020) ao analisarem as campanhas de prevenção ao HPV e meningite argumentam que as peças publicitárias governamentais sobre saúde, para além de informarem sobre a vacinação, buscam a regulação dos corpos e de suas condutas, dentro de normas heteronormativas, escolarizadas e de pertencimento social. Lucas, ao apontar para as diversas formas de prevenção procura ampliar, mas também, criar uma forma “correta” de autocuidado com os corpos e comportamentos sexuais.

Nos vídeos e nas imagens aqui evidenciadas, o corpo do *influencer* ao longo de toda a exibição, está sem camisa e mostrando um corpo que pode ser considerado, para os nossos padrões estéticos, como belo e saudável. Esta visualização, parece ser um recurso para desnaturalizar as imagens que a mídia apresentou, principalmente, no início da epidemia do HIV/Aids, nos anos 80 e 90, do século XX, as imagens dos corpos das pessoas que vivem com HIV/Aids (PVHA), na época, marcados pela magreza e fraqueza ou como refere-se Luiz Henrique Sacci dos Santos (2006) “corpos desterrados”. Nessa direção, vemos nas imagens, a tentativa de afastar-se de sentidos negativos, para os corpos de PVHA, ao contrário, mostra-se um corpo forte, vigoroso, atuante e atento aos padrões contemporâneos, assim como as causas sociais e políticas que se engajam. Pensando no conceito de corpo-modelo de Luiz Felipe Zago (2013 apud KLEIN; VARGAS, 2020, p. 536) esses corpos “trabalham na tentativa de visibilizar, exibir e colocar no centro os corpos que importam, marcados pela energia, eficiência e saúde, como traços identitários definidores de uma juventude sadia [...]”.

Figura 04: Frame vídeo perfil Lucas Raniel.



Fonte: Arquivo Pessoal (15/05/2022)

Por fim, Lucas discute sobre o uso de preservativo interno e externo, afastando-se das generalizações que nomeiam e separam os preservativos como masculinos ou femininos. O que se torna interessante pensar é que os preservativos não possuem gênero, logo diversas identidades e corpos considerados por alguns grupos, como abjetos (Butler, 2020) são incluídos em tal perspectiva. Há uma quebra nas fronteiras que estabelecem uma norma para os usos de preservativos aliados aos corpos, bem como, outras formas de viver a sexualidade, como mulheres e homens trans, não binários, gêneros fluídos tornando-se integrantes do discurso da prevenção proposto por Lucas. Tendo em vista, que o preservativo é colocado em sua função sexual, para uso interno ou externo, não necessariamente ligado ao gênero proposto, como masculino ou feminino.

#### **REFERÊNCIAS:**

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. 20. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020. 288 p. Tradução de: Renato Aguiar.

CONNELL, Robert. Políticas da Masculinidade. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185-206, 1995.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) tv. Educação e Pesquisa, [S.L.], v. 28, n. 1, p. 151-162, jun. 2002.





## VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional  
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação  
em Sexualidade, Gênero,  
Saúde e Sustentabilidade

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade I: A Vontade de Saber. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 2, n. 22, p. 15-46, jul. 1997. Semestral.

KLEIN, Carin e VARGAS, Juliana. Juventudes em campanhas de vacinação contra HPV e Meningite C – 2017 e 2018. In: CÚNICO, Sabrina, COSTA, Ângelo e STREY, Marlene. (Orgs.). Gênero e Violência: Repercussões nos processos psicossociais e de saúde. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2019, p. 525-550. Texto disponível no ambiente aula. Acesso em: 11. mai. 2020.

LARROSA, Jorge. “Tecnologias do eu e educação”. In: Silva, Tomaz Tadeu. O sujeito da educação. Petrópolis: Vozes, 1994, p.35-86.

LAURETIS, T. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

PRECIADO, Beatriz. Manifesto contrassexual. São Paulo: N1, 2014. 246 p.

SANTOS, Luis Henrique Sacchi. Dos corpos desterrados aos corpos cheios de força: representações de corpo e de saúde em anúncios de anti-retrovirais. In: SOMMER, Luís Henrique; BUJES, Maria Isabel Edelweiss. Educação e cultura contemporânea: articulações, provocações e transgressões em novas paisagens. Canoas: Ed. ULBRA, 2006.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Revista Educação & Realidade, v.20, n.º 2, julho/dezembro de 1995,

STEINBERG, Shirley R. Kindercultura: a construção da infância pelas grandes corporações. In: SILVA, Luiz Heron da; AZEVEDO, José Clóvis de; SANTOS, Edmilson Santos dos (Orgs.). Identidade Social e a Construção do Conhecimento. Porto Alegre: SMED, 1997. p.98-145.

WORTMANN, M. L. C.. Análises culturais - um modo de lidar com histórias que interessam à educação. In: COSTA, Marisa, Vorraber. (Org.). Caminhos Investigativos II. Outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. 1 ed. Rio de Janeiro (RJ): DP&A, 2002, p. 73-92.